



José Cardoso Pires

CONVERSAS DE AL CAPONE

Aí pelos anos 50, Al Capone tinha o quartel-general numa leitaria da Avenida Almirante Reis quase à esquina da rua José Falcão. Podíamos vê-lo, sentado na mesa do fundo a acariciar os anéis de brilhantes ou a olhar-se num espelho de parede emoldurado por dois anjos de latão. Usava uma tira de elástico a apertar as mangas da camisa, como os heróis da época da Lei Seca, tinha um engraxador que lhe vinha espelhar os sapatos todos os dias mas falava axim porque era dos lados de Viseu. No entanto, de Viseu ou das suas raízes

Sabia-se que tinha emigrado para a América num grandecíssimo nevoeiro, com Detroit, Newark e Elsewheres pelo meio, até que um dia pressentira o beijo da morte e aportara a Lisboa sob o nome de Conceição, tornando-se proprietário duma leitaria, para disfarçar o passado que se calhar nunca teve e o quarto de jogo clandestino que instalara nas traseiras.

maffiosas nunca se lhe ouviu referência, até porque era indivíduo fechadíssimo nos dizeres. Grande, gordo e lustroso, o corpo falava por ele: quem quisesse sabê-lo que o adivinhasse se fosse capaz disso.

Sabia-se que tinha emigrado para a América num grandecíssimo nevoeiro, com Detroit, Newark e Elsewheres pelo meio, até que um dia pressentira o beijo da morte e aportara a Lisboa sob o nome de Conceição, tornando-se proprietário duma leitaria, para disfarçar o passado que se calhar nunca teve e o quarto de

jogo clandestino que instalara nas traseiras. Por isso é que nunca saía da mesa lá do canto, olho no balcão e ouvido na parede que o separava dos jogadores.

Palavras, o menos possível. Al Capone da Conceição comia de jornal aberto como nos filmes, e se alguém lhe desejava bom proveito respondia com um aceno duma sílaba.

Só um Martins a quem chamavam Mãos de Seda por o dizerem carteirista a tempo inteiro ou precioso na arte de manejar o taco no pano verde teimava em quebrar aquele colosso de silêncio. Se o apanhava a comer dava-lhe o cumprimento do bom apetite e, como quem não quer a coisa, falava de doenças gástricas e doutros padecimentos malignos; se chegava a meio da tarde mandava tirar uma caneca de cerveja ao balcão e saudava-o com o seu melhor sorriso:

“É servido, senhor Conceição?”

O outro agarrava-se logo ao jornal.

“Sem cerimónia”, insistia Mãos de Seda.

Nada. Na mesa do fundo a hora era de leitura, estava visto. Só que este cliente não desistia assim às primeiras. Em seu entender não era desconsideração nenhuma oferecer uma bebida ao dono da casa. Ou seria, senhor Conceição?

Sempre em cima do jornal, o grandalhão fazia que sim e mais que também até que um dia perdeu a paciência e lembrou que não era muito próprio interromper quem estava a ler, gastando nisto uma dúzia de explicações bem contadas. “Right?”, perguntou.

Right, Mãos de Seda concordava, mas contrapôs que convidar não ofende, antes pelo contrário. “Verdade ou mentira, senhor Conceição?”

O Al Capone da Almirante Reis pôs-se de pé e virou-lhe as costas:

“Homem, já lhe dei os tópicos”, disse; e veio para a porta da leitaria ver passar os eléctricos.

Tópicos? Este Martins prezava muito o bem falar e aquela dos “tópicos” ficou-lhe atravessada na cerveja. “Cardoso”, perguntou-me ele em confiança, “aquilo dos tópicos é ameaça de má fila ou trata-se de algum mote que este teu amigo desconheça?”

Martins gostava de ler, mas desconhecia o termo. Apreciava romances históricos, “casos verídicos”, e em especial “Eurico, o Presbítero”, que até tinha palavras que não vinham no dicionário.

“Palavras que não vêm no dicionário?”

“Postóque, por exemplo. Alguma vez soubeste o que quer dizer postóque? Postóque, pá, é português e do mais maligno, tão certo como eu me chamar Martins.”

Trouxe-me o livro para comprovar e, como se tratava duma edição antiga, em vez de posto que, tinha impresso postoque na velha grafia. O mesmo que “visto que” ou coisa assim, expliquei eu.

Mas não. Para o Mãos de Seda postoque era postóque, um subentendido mesmo a calhar com um tipo como o Al Capone que era um artimanhas de silêncios escondidos.

Dali em diante, sempre que se lhe dirigia, por tudo e por nada, “postóque” era a palavra maldita. Martins metia-a a tais despropósitos e a tantos sentidos que o outro, carregado de mistérios desconfiados, largava o jornal, largava tudo, e vinha arejar para a porta da leitaria.

“Lá está o Conceição com os postóques”, diziam os clientes quando o viam, à entrada da loja a olhar os eléctricos com o ar de quem está à espera duma revelação que talvez viesse do outro lado do Atlântico. ●